

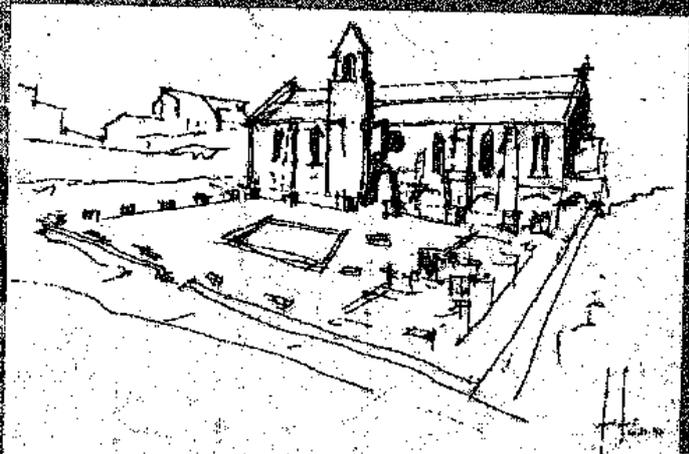
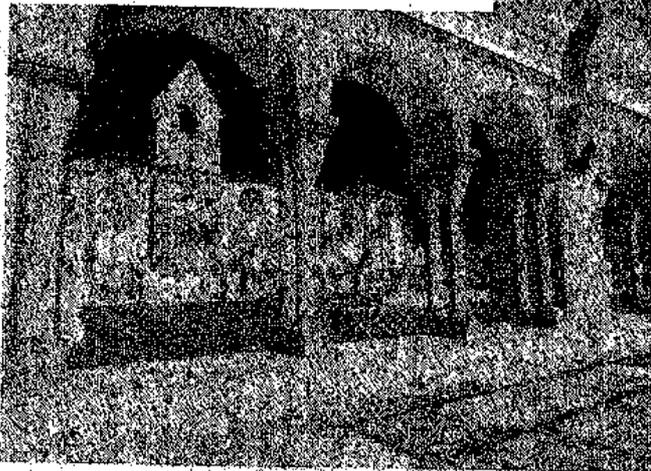
artur côrte-real

Mestrado em Arqueologia

*Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra*

Orientador: Professor Jorge de Alarcão

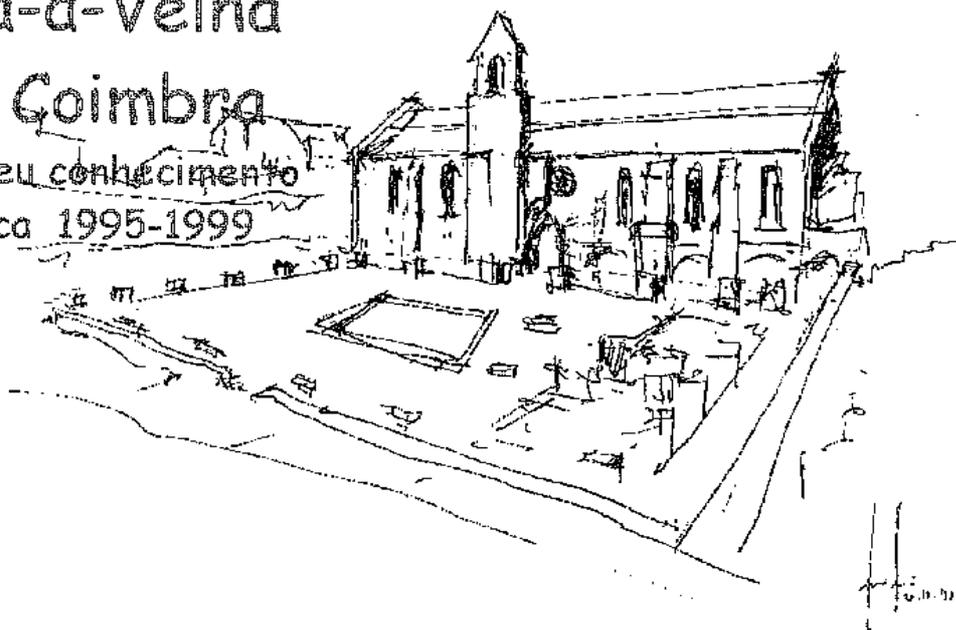
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra
Novos dados para o seu conhecimento
Operação arqueológica 1995-1999



Coimbra 2001

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra

Novos dados para o seu conhecimento
Operação arqueológica 1995-1999



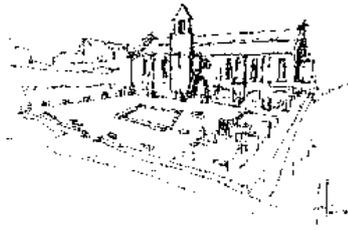
artur côrte-real



INSTITUTO
PORTUGUÊS DO
PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO

DIRECÇÃO REGIONAL DE COIMBRA





Índice:

1 -- Algumas palavras...

2 -- Introdução.

3 -- O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.
Recuperação da Igreja e qualificação
da envolvente – 1923 a 1999.
Breve análise dos antecedentes.

4 -- Isabel de Aragão – Rainha Santa Isabel.
Contextualização histórica.
A evolução do espaço monástico.

5 -- A intervenção arqueológica – 1995 - 1999.
Objectivos.
Metodologias.
A Igreja.
O Coro.
Síntese conclusiva.
O claustro – algumas notas.

6-- Bibliografia.



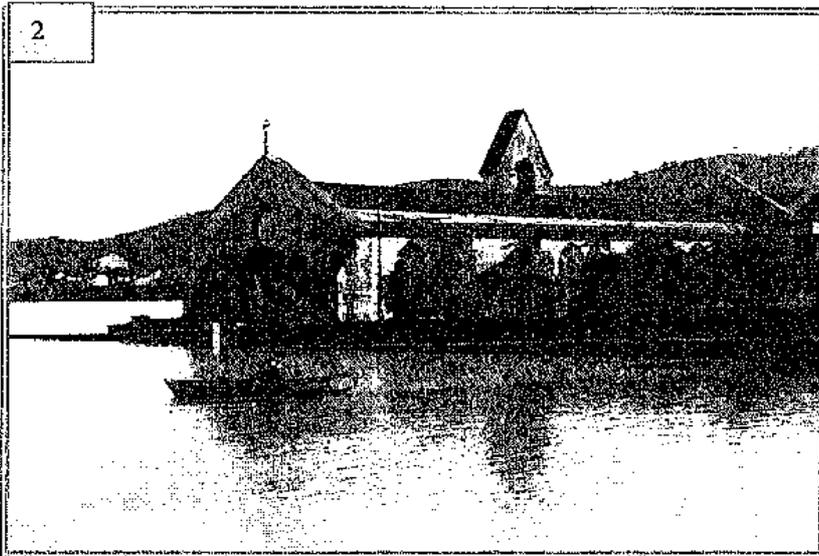
1 – Algumas palavras...

“Rainha-Santa Isabel e cidade de Coimbra, são idéas sempre associadas, nomes inseparavelmente ligados”

(Marques de Abreu, 1929)¹

São já longínquas as imagens que guardo, enquanto peço, do meu primeiro contacto visual

com a igreja do mosteiro velho de Santa Clara. Foi nos anos 60, com cerca de 7 anos que, pela primeira vez, acompanhado de meu saudoso Pai, entrei naquele misterioso espaço de forte envolvência simbólica, fruto da ligação deste conjunto monástico a Isabel de Aragão - Rainha



Santa Isabel, figura enraizada na mitologia popular e que muito representa para o país e para as gentes da cidade de Coimbra, em particular.

Uma igreja parcialmente inundada², quase abandonada, cercada por uma vegetação lacustre,

numa envolvente urbana fragilizada e descaracterizada, surgia aos nossos olhos nesta aproximação a uma realidade patrimonial de excepção.

O velho guarda, de nome Nunes (Manuel Nunes Silva), sentado à entrada interior do monumento, aguardava serenamente os visitantes que, curiosos e penetrando naquele misterioso espaço por um falso portal, calcorriavam um estranho pavimento, lançado ao meio do edifício no séc.XVII. De facto, aquela plataforma intermédia, correspondente a um momento

¹ ABREU, Marques (1929), *Rainha-Santa Isabel, Album Recordatório, Coimbra*, Edição da Confraria da Rainha Santa Isabel, Coimbra, pg.4.

² Vista da igreja em período de cheia – açados Norte e Este. Deve tratar-se da cheia de 1948, tendo como base elementos comparativos recolhidos na Imagoteca da Câmara Municipal de Coimbra. Fotografia da colecção de José Rodrigues, cedida pela Foto Murta, s/data.

construtivo de agonia evidente de uma comunidade clarissa que ali penou, face ao dramático fenómeno das invasões das águas e sedimentos do rio Mondego, tornava esse contacto surpreendente, ao mesmo tempo que enigmático. As águas marcavam, incontornavelmente, o ambiente dessa visita³, porquanto encerravam mistérios de vivências ancestrais. As estruturas submersas, como que desafiando a nossa curiosidade, emergiam naquela superfície transparente, cortada aqui e ali pelos peixes que, habituados àquele ambiente particular, nadavam sem rumo, entre arcos e abóbadas monumentais, em busca de alguma dádiva dos visitantes.

Reservo, neste contexto, uma interessante fotografia de cerca de 1940, espelho de uma interessante relação umbilical da comunidade residente no sacrificado espaço urbano de Santa Clara com a velha igreja. A população aqui oriunda, habituada a uma vivência marginal em que a fractura marcante provocada pelo rio



3

Mondego dividia a cidade de Coimbra em espaço de nobreza (margem direita) e espaço de pobreza (margem esquerda), encontrava, nas velhas ruínas do mosteiro, o local de eleição para



4

as brincadeiras das crianças e o lazer dos mais velhos. A pesca das enguias aqui retratada⁴, nesta cena do quotidiano de Santa Clara, captada por Varela Pé Curto, assinala essa salutar convivência.

Os anos passaram e o velho mosteiro, cada vez mais abandonado e submerso face às águas e sedimentos que ciclicamente o afogavam, agoniava

³ Vista tirada do interior do absidiolo Sul para Oeste. Fotografia de Varela Pé Curto, cedida pela Foto Ilda, cerca de 1970.

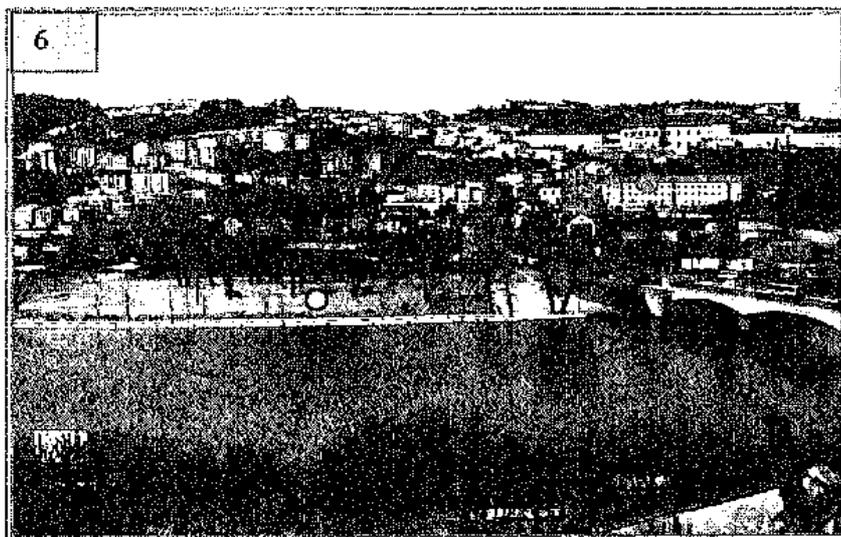
⁴ Os miúdos do bairro na pesca das enguias, junto à cabeceira da igreja. Fotografia cedida pela Foto Ilda, s/data. Deverá corresponder aos anos 1940/1950, porquanto o edifício havia já sido intervencionado pela Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais, conforme se pode verificar na cabeceira do edifício.

serenamente aos olhos da cidade e dos poderes instituídos. Rios de tinta corriam nos jornais e ofícios das instituições. O Estado Novo, como que ferido no seu orgulho histórico, fazia movimentar os seus mais altos representantes no sentido de dar a solução qualificada para as ruínas agónicas da velha igreja. A água e a marginalidade urbana envolvente contrariavam todos estes propósitos, numa evidente incapacidade de contornar esses ventos da História.

Os anos foram passando e as soluções tardavam. A inexistência de planos estratégicos para a cidade de Coimbra “afundavam” ainda mais esta margem esquerda, provocando alterações dramáticas na sua malha urbana, com a construção de volumes habitacionais na envolvente do monumento, apenas (mal) defendido pela área de protecção ao imóvel classificado⁵.

A ausência de uma política para a utilização do solo urbano, a par de uma incongruente visão no tocante às acessibilidades deste importante e expressivo território foram crescendo de tal forma que provocaram, sobretudo a partir dos anos 80, uma consciência pública forte, no sentido de alterar a situação e fazer aproximar as duas margens do rio numa cidade una e global.

Intervenções⁶ como a requalificação da importante obra do Arquitecto Cassiano Branco – “O Portugal dos Pequenitos”⁶, a recente recuperação da Quinta das Lágrimas em unidade



hoteleira, a transformação do convento de S. Francisco em Palácio dos Congressos⁶ (projecto de Fernando Távora), o tratamento da zona do Choupalinho⁶ (projecto de Camilo Cortesão) e o já apresentado Parque Tecnológico, entre outras

operações realizadas ou já enunciadas, são sinais evidentes que a política urbana da cidade de Coimbra para a margem esquerda do Mondego está a mudar. Ténua mudança, é certo, já que as soluções e contrapartidas por essa qualificação nem sempre parecem ser as mais correctas, coerentes e integradas.

⁵ A classificação como Monumento Nacional dá-se através do Dec. 16 de Junho 1910, com ZEP – DG 174 de 26 de Junho 1954. Porém, este instrumento legal de protecção do sítio não funcionou ao longo dos anos, porquanto sucederam-se construções clandestinas em particular na zona Sul contígua à cerca.

⁶ Vista tirada da Couraça dos Apóstolos sobre a margem esquerda do Mondego, onde se observam alguns dos projectos de requalificação em curso. Foto de Artur Côte-Real, Fevereiro 2000.

O Igreja do Mosteiro de Santa Cara-a-Velha parece emergir desse seu estado agónico com um projecto de recuperação iniciado em 1991, da responsabilidade do IPPAR. Estava assim iniciado um processo de requalificação de um importante conjunto arquitectónico, exemplo paradigmático do gótico mendicante e que as particularidades do seu ambiente húmido, resultante do fenómeno da invasão de águas e depósito de sedimentos fluviais, permitiram o seu “congelamento” durante cerca de quatro séculos.

Quiz assim o destino traçar, embora tardiamente, a minha envolvência neste projecto, como arqueólogo e como cidadão. Um desafio que, decorridos cerca de cinco anos após o início desta grande operação, com momentos de grande paixão face às novidades das descobertas, cortados aqui e ali por outros de desânimo e insatisfação, me permite encarar o futuro deste espaço com esperança de humildemente contribuir para clarificar importantes momentos da nossa História e a que este mosteiro e a sua vivência estiveram ligados.

Na minha formação profissional e humana, o leque de experiências foram múltiplas e diversificadas. Foi necessário ultrapassar barreiras aparentemente intransponíveis. Encontrar soluções metodológicas adequadas. Provar, às instâncias tutelares, a importância científica deste património móvel e imóvel. Lutar para que o futuro do conjunto monástico venha a ser assegurado e que a cidade de Coimbra seja enriquecida na esfera cultural com uma nova estrutura museológica de que, infelizmente, tanto carece.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha faz já parte da minha vida e a ele fico indissociavelmente ligado para sempre.

O propósito de desenvolver, como tema de tese de Mestrado “*O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Novos dados para o seu conhecimento. Operação arqueológica 1995-1999.*”, no âmbito do 1º Mestrado em Arqueologia Clássica, ministrado pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, surge na sequência da minha participação nos trabalhos arqueológicos que o Instituto Português do Património Arquitectónico⁷ leva a efeito naquele Monumento Nacional, desde 1995. De facto e considerando a importância científica desta operação nos resultados potenciadores de uma renovação dos conhecimentos sobre a História deste conjunto monástico, resultante do trabalho de uma reduzida mas empenhada equipe que ao longo destes anos coordenei, permitiu-me reflectir sobre a oportunidade de tratar um tema de

⁷ O processo relativo ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha inicia-se no tempo do Instituto Português do Património Cultural, com o lançamento, em 1991, do concurso de ideias para o sítio. Com o IPPAAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, dá-se início, em 1995, à empreitada. Em 1997 e já no decorrer da operação, surge o referenciado IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico.

dificuldade acrescida face ao volume de informação recolhida e às características particulares da intervenção, desenvolvida num ambiente adverso e em parceria com uma empreitada que naturalmente colidia com as regras básicas daquilo que é uma investigação arqueológica.

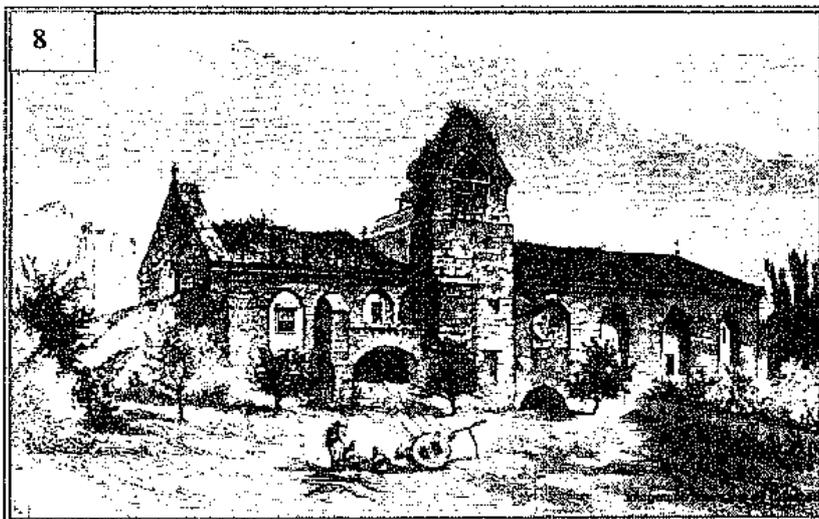
Consciente de que o tema sugerido ao Professor Jorge de Alarcão, em boa hora coordenador da presente tese, poderia motivar alguma perplexidade pelo facto de a mesma se situar, em termos dos horizontes cronológicos, algo arredado daquilo que são as fronteiras óbvias de um mestrado em Arqueologia Clássica, não deixei de fundamentar esta minha intenção, já que o investimento profissional neste futuro potencialmente me está traçado.

O acolhimento dado por Jorge de Alarcão a esta minha pretensão fez-se de imediato notar, numa visão pragmática e contemporânea daquilo que se define como os parâmetros correctos de um Mestrado - formação e enriquecimento do formando nas áreas científicas que lhe estão em afinidade.

2 – Introdução.

A História da igreja do velho mosteiro de Santa Clara, no tocante às suas realidades

enquanto espaço funcional e de vivências de uma comunidade religiosa e enquanto volume



patrimonial, está ainda por contar. Sabe-se ter sofrido vicissitudes várias desde a sua fundação até ao momento do seu abandono no séc.XVII, em virtude das tempestuosas convivências com as águas e sedimentos do Mondego, o que determinou alterações significativas na sua

arquitectura, modelando-se desta forma às exigências funcionais; ter sido abandonado e substituído, já numa zona altaneira – no Monte da Esperança, por um novo conjunto monástico construído no séc. XVII por D.João IV; pertencer aos proprietários da Quinta das Lágrimas e funcionar como quinta agrícola (séc.XVIII a XX)⁸ ; ser objecto de preocupação nacional face ao estado de abandono que a cidade e o país o votara; sofrer intervenções profundas, nos anos 30

⁸ Gravura retirada da obra *Rainhas de Portugal* de Fonseca Benevides, pg.176, na qual se observa a adaptação do monumento a casa agrícola. Cópia cedida pela IMAGOTECA da Câmara Municipal de Coimbra.

e 40, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, na sua imagem e expressão arquitectónicas; ser assunto de amplas discussões técnicas com vista à sua requalificação nos anos 80 até ao presente projecto de estudo e recuperação, iniciado nos anos 90. Toda uma História que marca a vida e morte deste espaço, e que urge reconstruir como se um enorme *puzzle* se tratasse.

É, sem dúvida, a leitura e interpretação dos importantes vestígios arqueológicos detectados nesta recente operação, que possibilitará, a par da conjuntura entretanto criada em todo este processo, que a história deste carismático conjunto venha a ser clarificada e porque não, reescrita.

A operação iniciou-se nos finais de Fevereiro de 1995. A intervenção - da responsabilidade do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁹ visava, fundamentalmente, a recolha, registo e estudo do espólio arqueológico existente no interior e exterior próximo da igreja, tendo em consideração a sua inserção espacial e, quando possível, estratigráfica.

Os trabalhos arqueológicos a desenvolver no âmbito da execução do projecto de arquitectura, vieram a contemplar, após alteração do sistema de bombagem inicialmente previsto¹⁰, a remoção, através do sistema de "air-lift" ¹¹, das diferentes camadas de areia e lodos depositados ao longo dos séculos. Contudo, e logo após o primeiro contacto do mergulhador com o meio, verificou-se que a plasticidade dos solos, extraordinariamente compacta, impossibilitava a utilização eficaz deste sistema, ao mesmo tempo que propiciava a projecção, destruição e descontextualização dos artefactos com interesse arqueológico neles contidos ¹². Este imponderável levou a considerar o processo contraproducente, obrigando a uma alteração metodológica substancial, com evidentes consequências no plano de empreitada então previsto.

⁹ A responsabilidade do acompanhamento arqueológico nessa fase inicial era de António Nunes Pinto, investigador do citado Instituto.

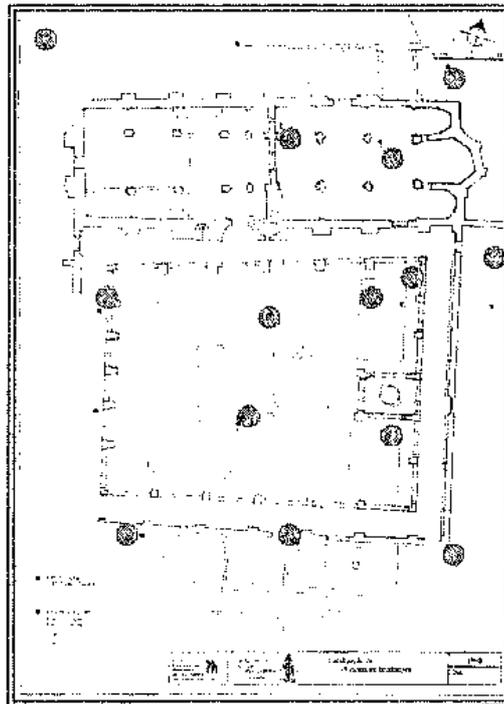
¹⁰ Refira-se que na fase inicial de acompanhamento arqueológico, estava prevista a utilização de duas bombas de submersão de duas polegadas, com o objectivo de rebaixar o nível frático e permitir o acesso físico aos sedimentos, os quais seriam retirados a "seco", com o previsto acompanhamento arqueológico. Este processo mostrou-se inexequível, porquanto a cota de água mantinha-se inalterável.

¹¹ Este sistema caracteriza-se pela utilização de um tubo de aspiração, manipulado por um operador (mergulhador), sugando, desta forma, os detritos pretendidos (areias, terras e lodos), os quais arrastavam naturalmente outros materiais associados, como sejam fragmentos cerâmicos, pequenos elementos pétreos, etc..

¹² A utilização deste sistema, para além de provocar a destruição dos artefactos, tornava-se pouco exequível, dado que o tubo de aspiração permanecia constantemente bloqueado, obrigando a paragens sucessivas.

Optou-se pelo rebaixamento do nível freático¹³, com bombagens permanentes, o que veio a permitir o acompanhamento arqueológico tanto quanto possível, "a seco"¹⁴.

A perspectiva inicial desta operação sofreu alguma modificação a partir de finais de Novembro de 1995, devido à detecção de um conjunto de evidências arquitectónicas num estado de conservação surpreendente. Constatou-se que, contrariamente às primeiras camadas estéreis, os níveis próximos das estruturas - indiciadoras de que o conhecimento da arquitectura do conjunto monástico poderia vir a ser renovado e enriquecido, encerravam, entre outros, alguns artefactos cerâmicos, vitreos e metálicos, com substancial interesse arqueológico.¹⁵



13

Esta maior exigência científica dinamizou uma nova estratégia de intervenção arqueológica. O número limitado de técnicos inicialmente envolvidos nesta operação foi alargado, quer ao nível da equipe sediada no local¹⁶, quer no âmbito da colaboração de especialistas de áreas como a História de Arte, a Antropologia¹⁷, a Arquitectura, a Botânica, a Geologia e a Engenharia. Sublinhe-se a importância, desde o início do desenvolvimento da investigação, do diálogo (profícuo) entre o Historiador de Arte¹⁸ e os Arqueólogos, o que

¹³ Para o efeito, foram abertos 14 furos de captação à profundidade média de 16 metros e 3 poços de bombagens (para águas superficiais) com profundidade variável entre os 2 e os 4 metros. A planta anexa localiza 11 desses furos e os poços de bombagem os quais, na sua totalidade, debitam cerca de 34 000 m³ de água por mês.

¹⁴ O ambiente a "seco" resultante deste sistema de bombagens melhorou substancialmente as condições de trabalho da equipa de arqueologia. Porém, os problemas relativos à "escavação" e recolha dos dados (registo e análise dos cortes estratigráficos, plantas, etc.) apresentaram-se de enorme complexidade, tendo sido necessário adaptar sistematicamente as metodologias tradicionais à conjuntura ambiental existente.

¹⁵ Estes testemunhos podem-se vir a revelar de fundamental importância para um melhor conhecimento deste espaço monástico, conferindo a possibilidade, entre outras, de se reconstituírem práticas e vivências da comunidade religiosa que residiu e sobreviveu num dos mais significativos imóveis da história das edificações monásticas femininas góticas.

¹⁶ A intervenção contava inicialmente, apenas, com dois arqueólogos: o coordenador e técnico superior da Direcção Regional de Coimbra do IPPAR – Artur Côte-Real e Catarina Leal, contratada para o efeito. Nesta fase mais exigente foi preenchida a equipa com mais um arqueólogo, dois assistentes de arqueólogo e um desenhador – Paulo César Santos, Miguel Frazão, Miguel Munhós e Luis Sebastian. Por razões pessoais e profissionais Miguel Frazão e Luis Sebastian deixaram de colaborar neste projecto, tendo sido substituídos por Teresa Mourão e Mónica Ginja. A colaboração foi pontualmente ampliada na área de desenho por José Augusto Alves Dias (D.R.C.I.P.P.A.R.) e José Luís Madeira (I.A.F.L.U.C.). A direcção técnica da obra foi inicialmente da responsabilidade do Eng.º José Maria Henriques (IPPAR) e posteriormente do Eng.º Fernando Marques (Chefe de Divisão da Divisão de Obras e Conservação - IPPAR).

¹⁷ Nesta área contamos com o apoio de Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, sendo coordenadora da investigação a Prof. Doutora Eugénia Cunha.

¹⁸ O Historiador de Arte afecto a este projecto é o Dr. Francisco Pato de Macedo, assistente do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inicialmente, estava indigitado o Professor Pedro Dias, que por razões de carácter profissional e pessoal, não pôde dar continuidade ao apoio científico necessário. Refira-se que Francisco Pato de Macedo desenvolve a sua tese de doutoramento tendo como tema central a arquitectura do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, tendo já apresentado diversas comunicações no âmbito da arquitectura da igreja e do claustro principal, com base nos resultados da operação em curso.

permitiu definir, com maior rentabilidade, as orientações e prioridades da operação em curso. Esta exigência de implementar uma prática de transversalidade nas diversas áreas da investigação foi facilitada pelo facto de nos situarmos próximo de um espaço universitário - a cidade de Coimbra, e pela manifesta disponibilidade dos investigadores em colaborar num projecto com características de algum ineditismo, no tocante aos resultados e às metodologias utilizadas.

A preocupação fundamental para o arranque desta complexa operação arqueológica, (considerando que a empreitada se encontrava em curso e que a empresa contratada não deveria desrespeitar os prazos estabelecidos)¹⁹, prendeu-se com a implantação física de uma malha²⁰ que, no seu plano gráfico, permitisse registar espacialmente todas as acções que se viessem a realizar, nomeadamente no que diz respeito aos artefactos exumados, localização das estruturas, registos de cortes e alçados, etc. Este instrumento fundamental permitiu assim gerir todo o manancial de informação resultante da “escavação”, possibilitando, desta forma, a elaboração do documento magno que é, sem dúvida, a planta do conjunto escavado.

A operação iniciou-se na zona correspondente à igreja e adro, desenvolvendo-se posteriormente na área de coro.

Após terem sido detectados os primeiros indícios das estruturas arquitectónicas pertencentes ao claustro maior, deu-se continuidade aos trabalhos de retirada de sedimentos no interior da igreja. Igualmente se procedeu à escavação, na zona do coro, de cerca de setenta enterramentos²¹, e cuja investigação antropológica²², em desenvolvimento pelo Departamento de Antropologia da F.C.T.U.C., permitirá disponibilizar novos dados para aprofundar os conhecimentos, entre outros, sobre as características físicas de uma parte significativa dos elementos que compunham a comunidade de religiosas clarissas que neste espaço residiu.

A importância das estruturas detectadas que revelavam a potencial monumentalidade e

¹⁹ A empresa responsável pela empreitada é Teixeira Duarte, S.A..

²⁰ A malha implantada apresenta sectores de 10 metros subdivididos em quadrados de 5 metros, tomando como base um eixo Este/Oeste, que passa sensivelmente pelo centro do corpo da igreja e uma perpendicular que tomou como referência o alçado interior Oeste. Desta forma foi criada uma malha extensível a uma área de dimensões consideráveis, prevendo futuros trabalhos na envolvente.

²¹ Os resultados da intervenção nesta necrópole, compreendendo várias vertentes investigatórias, nomeadamente a que diz respeito ao estudo dos materiais associados, serão oportunamente apresentados no âmbito de duas tese de mestrado, da responsabilidade de Teresa Mourão, membro da equipa sediada no Estaleiro de Santa Clara-a-Velha e de Célia Lopes, colaboradora do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

²² A coordenação da investigação antropológica é da responsabilidade da Professora Eugénia Cunha, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

bom estado de conservação do claustro ²³, veio a alterar os planos inicialmente previstos para a intervenção. De facto, estando na presença de um claustro paradigmático do Gótico Mendicante, do qual pouco se conhecia, foi assumida consensualmente a importância de ampliar a investigação do sítio com a intervenção arqueológica ao nível de todo o espaço claustral, de forma a permitir a recolha exaustiva dos dados arqueológicos com vista ao seu conhecimento integral.

A intervenção arqueológica foi desenvolvida tendo em consideração um sentido de grande pragmatismo, com a utilização condicionada de máquinas escavadoras de pequenas dimensões, retirando níveis correspondentes, fundamentalmente, a depósitos recentes, sem (aparente) interesse arqueológico dada a ausência de elementos referenciadores. Porém, o acompanhamento por parte dos técnicos foi permanente.



Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos com uma metodologia tradicional, ou seja, recorrendo a um sistema de escavação manual, foram executados em áreas específicas do monumento, nomeadamente na zona do coro (onde se verificava a existência de um amplo espaço de enterramento), na designada “*casa fermosíssima*”²⁴ (com a desarticulação pormenorizada de abatimentos de abóbada assentes num recinto de particulares características arquitectónicas)²⁵ e junto ao tardo do muro sul do claustro maior, onde se vieram a detectar outras estruturas funcionais do conjunto monástico - sala do capítulo (?), claustro menor (?), refeitório, cozinha (?) -, cuja leitura se apresenta

²³ Contrariando as perspectivas mais optimistas dos investigadores que apontavam para que as estruturas do claustro principal se encontrassem quase desaparecidas, os vestígios então detectados – nomeadamente fragmentos das abóbadas de cobertura, correspondentes a abatimentos “*in situ*”, indicavam um excelente estado de conservação desta área funcional do mosteiro. Esta nova conjuntura reveladora da existência deste claustro dinamizou uma ampla discussão sobre o interesse científico relativo ao conhecimento desta estrutura funcional, potenciando o alargamento espacial da intervenção, situação que se veio a concretizar a partir de 1996.

²⁴ ESPERANÇA, Frei Manoel da (1656-1666), *História Serafica da ordem dos dos Frades Menores de S. Francisco, na Província de Portugal* (1966), introdução e notas de J.J. Nunes, Boletim da Classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, Coimbra XIII, 1921. Vista sobre o lavabo, tirada a Sul. Fotografia de Miguel Munhós (IPPAR)-1997.

²⁵ A intervenção nesta área revelou-se de enorme complexidade, porquanto o abatimento que cobria o espaço desta estrutura quadrangular foi desarticulado com um registo pormenorizado de todo o contexto estratigráfico, o que permite hoje a Historiadores de Arte formularem hipóteses de reconstituição bem fundadas. Foto de Miguel Munhós (IPPAR), 1997.

reduzida, por manifesta limitação da área escavada. Na fase final de escavação foi implementado um plano de sondagens em várias zonas do conjunto monástico – igreja e claustro, com o objectivo de tentar esclarecer algumas das muitas dúvidas surgidas no âmbito da interpretação dos dados²⁶.

Considerando as características particulares desta intervenção, desenvolvidas num ambiente permanentemente húmido, foi necessário que a equipa de Arqueologia procurasse as necessárias adaptações, sob o ponto de vista metodológico, às exigências deste verdadeiro campo experimental e inovador. O elemento água, que durante séculos foi factor perturbador de uma comunidade religiosa que naquele espaço ansiava por momentos de serenidade e reflexão, acompanhou permanentemente todo o processo recente de investigação, obrigando, num quotidiano muitas vezes difícil, a soluções criativas em que foi necessário ultrapassar os difíceis obstáculos com que a equipa foi confrontada. Paradoxalmente, a água e os sedimentos a ela associados possibilitaram o “congelamento”, durante quase quatro séculos, do nível inferior da igreja e da totalidade do claustro principal, assim como das estruturas que remanescem na envolvente, em particular no sentido sul. O estado de conservação dos elementos artísticos é absolutamente notável, com especial destaque para as estruturas que compõem o lavabo, nomeadamente os capiteis e o monumental tanque central, de fino recorte arquitectónico.

Os indicadores apontavam para que o espaço escavado viesse a ser reenterrado²⁷. Considerando que a acessibilidade futura ao mesmo estaria comprometida²⁸, foi desenvolvido um plano de registo exaustivo, quer fotográfico quer gráfico (cortes, alçados, plantas, etc.).

O enorme potencial de informação recolhido nestes anos de operação (1995-1999) assume-se como uma peça fundamental para que este espaço venha a ser reavaliado e reentendido. Neste sentido deu-se início a um plano de gestão deste imenso acervo informativo, com a planificação de um programa de análise interpretativa dos diversos dados. Simultaneamente, implementaram-se variadas acções complementares à investigação, como

²⁶ Desde Setembro de 1998 que a equipa de arqueologia sediada no local, em colaboração com o Historiador de Arte Francisco Pato de Macedo, tem vindo a desenvolver trabalhos no âmbito da análise e interpretação dos dados relativos à igreja e coro. Está previsto que se inicie, oportunamente, o estudo da zona correspondente ao designado claustro principal.

²⁷ O elevado custo financeiro do sistema de bombagem, as consequências da utilização prolongada do mesmo e a “reação” do monumento, no plano da conservação, a este novo ambiente, fizeram considerar a hipótese do monumento ser reenterrado. Estudos levados a cabo pelo Laboratório de Engenharia Civil e um crescente interesse do País perante um espaço/ruína de enorme valor arquitectónico levaram a que o I.P.P.A.R. optasse pela construção de uma cortina de contenção periférica envolvente ao espaço arqueológico. Esta solução foi apresentada pelo então Senhor Ministro da Cultura – Doutor Manuel Maria Carrilho, em Maio de 1998, devendo esta estrutura hidráulica vir a ser construída ainda no presente ano.

²⁸ O desenvolvimento do Projecto de Modelação Virtual de Santa Clara-a-Velha, em parceria com o Centro de Computação Gráfica, surge no contexto de reenterramento do conjunto monástico, apresentando-se como uma alternativa de visita a um espaço não acessível.

sejam programas de conservação e restauro do valioso acervo arqueológico²⁹.

Aguardando a implementação do Serviço Dependente do I.P.P.A.R.³⁰, o qual esperamos venha a resolver as situações de precaridade que subsistem em termos de instalações e equipa, demos prioridade às diversas vertentes da investigação, como seja ao início de inventariação e estudo do espólio arqueológico, discussão de planos de conservação das ruínas e de musealização do sítio e, naturalmente, ao processo interpretativo já em curso e cujos resultados preliminares apresentamos agora.

Consideramos pois, ser apenas possível apresentar um primeiro esboço sobre a intervenção, dado que ainda decorrem trabalhos de campo, nesta fase correspondentes ao programa de preparação da construção da cortina periférica moldada. Será uma primeira avaliação e interpretação de uma parte dos dados recolhidos desde 1995, incidindo em particular na igreja, compreendendo o coro. A questão dos pavimentos e sua integração cronológica irão formatar, em parte, este trabalho, porquanto se trata de um tema em que a História de Arte está muito interessada, no âmbito do estudo que realiza. Sempre que possível, procuraremos fazer a integração dos materiais arqueológicos nos contextos estratigráficos correspondentes, de forma a melhor sustentar as propostas e teses que defendemos. Também procuraremos avançar com propostas de reconstituição, com base nos elementos objecto de interpretação. A estrutura claustral, por razões óbvias de extensão do trabalho, apenas será abordada de uma forma genérica, com a apresentação de alguns dados sobre a contextualização estratigráfica e a arquitectura que a caracteriza.

Sendo este o tema fundamental da tese, enquanto inserida no âmbito de um mestrado em arqueologia, propusemos a abordagem de outros temas, que julgamos complementares e fundamentais para que a história recente seja conhecida. São inúmeros os documentos relativos ao velho mosteiro de Santa Clara, hoje dispersos por instituições, e que traduzem as atitudes e acções a que o sítio esteve sujeito, em particular após a grande intervenção levada a cabo pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Neste sentido e procurando definitivamente organizar esta informação, desencadeámos uma operação de consulta aos arquivos desse organismo, os quais constituem, a partir de 1928, um riquíssimo acervo

²⁹ Agradecemos a colaboração do Museu Monográfico de Conimbriga, que na pessoa do seu Director e técnicos (em particular Manuel Carvalho Matias), têm apoiado incondicionalmente as tarefas de conservação e restauro do espólio de Santa Clara-a-Velha. Os trabalhos têm vindo a ser desenvolvidos pelo técnico auxiliar de restauro – Luis Miguel Ribeiro Alexandre – com a necessária coordenação dos técnicos do IPPAR e do Museu Monográfico de Coimbra.

³⁰ Este Serviço Dependente foi criado em D.R. através do Dec.Lei nº120/97, nº2 do art.º8.

documental e que ainda não havia sido profundamente tratado em anteriores trabalhos publicados³¹.

O estudo desta documentação, o qual procuraremos transversalizar com a informação recolhida nas fotografias antigas sobre as obras realizadas na igreja, tem como complementar objectivo entender até que ponto essas operações, respeitando as filosofias puristas de intervenção então seguidas e sustentadas na devolução da originalidade dos monumentos, alterou o figurino arquitectónico do mesmo³². Transcrevemos, pela importância dos conteúdos subjacentes, parte significativa dos documentos consultados, possibilitando, desta forma, ter acesso integral aos mesmos.

Finalmente, não deixaremos de introduzir um capítulo sobre a contextualização histórica deste conjunto monástico, tentando desta forma uma explicação para a sua construção num espaço urbano próximo do rio Mondego, que o viu nascer e o fez morrer. Também a figura fascinante de Isabel de Aragão, Rainha Santa, será objecto de abordagem, numa tentativa de a conhecer mais profundamente enquanto patrona do mosteiro.

O elemento água e os sedimentos por ela arrastados ao longo dos séculos fazem parte da verdadeira História deste conjunto monástico. Quatro séculos a ele associados tiveram o condão de manter intactas estruturas hoje postas à luz do dia, sem interferências de conceitos e correntes estéticas, potenciando, desta forma, a análise e interpretação de um dos mais originais edifícios do gótico mendicante. Daí, uma referência um pouco mais extensiva ao rio Mondego.

Uma temática cuja abordagem, pela sua extensão e complexidade, pretende ser um início de uma ampla investigação sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, cuja História e Factos conhecidos a ele associados o tornam num espaço de grande expressão nas sensibilidades de quem lhe está próximo.

³¹ A primeira abordagem sobre a história das intervenções pela D.R.E.M.N., é feita, de uma forma muito genérica, por PIMENTEL, António Filipe (1994), *Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das origens aos presentes trabalhos de recuperação*, Revista "Munda", nº27, Coimbra, pg3. Aproveitamos para agradecer todas as facilidades concedidas pelo Eng.º Afonso Mira, então Director dos Monumentos Nacionais do Centro, na cedência desses documentos.

³² Segundo a opinião de Francisco Pato Macedo e de outros investigadores, corroborada com as leituras que temos vindo a realizar sobre o monumento, as intervenções da D.G.E.M.N. foram profundas, quer nos alçados exteriores do edifício, quer no interior do edifício, com a integração, entre outros, de elementos decorativos. Esta perfeita simbiose entre o antigo e o moderno provoca manifestas dificuldades na leitura da arquitectura original da igreja.

6 - PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Marques (1929), *Rainha-Santa Isabel, Album Recordatório*, Coimbra, Edição da Confraria da Rainha Santa, Coimbra.

ALMEIDA, Virginia de Castro (1938), *História da Rainha Santa e do Rei Lavrador*, Edições S.P.N., colecção Pátria, nº8.

BAYAM, Joseph Pereira (1727), *Portugal glorioso e ilustrado com a vida e virtudes das benventuradas Mafalda, Isabel e Joanna*. Officina de Pedro Ferreyra, Lisboa Ocidental.

BORGES, Nelson Correia (1987), *Coimbra e Região*, Novos Guias de Portugal, Editorial Presença, Lisboa.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1999), *O Reino de Portugal ao Tempo de D. Dinis. Imagem de la Reina Santa, Infanta de Aragón y Reina de Portugal*, Zaragoza, Real Capilla de Santa Isabel (San Caytano), Zaragoza.

Concurso de Ideias para a Valorização da Igreja de Santa Clara-a-Velha (1989), Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa.

CORTE-REAL, Artur; MOURÃO, Teresa; SANTOS, Paulo (1999), *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Intervenção arqueológica – 1995-1998. Resultados preliminares*, in Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular, Novembro, Vila Real (no prelo).

CRESPO, José (1972), *Santa Isabel na doença e na morte*, 2ª edição.

Dar Futuro ao Passado (1993), Lisboa, IPPAR.

DEVY-VARETA, N. (1985), *As matas medievais e a Coutada Velha do Rei*. Revista da Faculdade de Letras – Geografia, Série 1, Porto.

DUARTE, Urbano (1970), *Rainha Santa . Beleza permanente da figura medieval*, in Arquivp Coimbrão, Boletim da Biblioteca Municipal de Coimbra, vol.XXV, Coimbra.

ESPERANÇA, Frei Manuel da, *História Seráfica dos Frades Menores de S.Francisco na Província de Portugal* (1666). Introdução e notas de J.J.Nunes, Boletim da Classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, Coimbra, 1921.

GONÇALVES, A.Nogueira (1980), *Estudos de Arte Medieval*, Coimbra.

História Popular da Rainha Santa Isabel (1974), Edição da Mesa da Confraria da Rainha Santa Isabel, Gráfica de Coimbra, Coimbra.

História popular da Rainha Santa Isabel (1974), editada pela Mesa da Confraria da Rainha Santa Isabel, Gráfica de Coimbra, Coimbra.

Imagem de la Reina Santa. Santa Isabel, Infanta de Aragón y Reina de Portugal (1999), Zaragoza. Real Capilla de Santa Isabel (San Caytano), Zaragoza.

Intervenções no Património, 1955-2000, Nova Política, Lisboa, IPPAR, 1997.

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Avaliação da Exigibilidade da Contenção Hidráulica Periférica. Relatório (1998). Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Departamento de Núcleo de Geotecnia. Núcleo de Fundações. Lisboa.

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra. Trabalhos de Prospecção Geofísica. Relatório final (1999). Associação para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro. Aveiro.

MACEDO, Francisco Pato (1988), *A Arquitectura gótica na Bacia do Mondego nos séc.s XIII e XIV*, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

MACEDO, Francisco Pato (2000), *O Hospital de Santa Isabel junto do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*, João Afonso de Santarém e a Assistência Hospitalar Escalabitana durante o Antigo Regime., Cap.VII. Museu Municipal de Santarém. S.João de Alporão. Núcleo de Exposições Temporárias de Arqueologia e Arte Medievais. Câmara Municipal de Santarém.

MATTOSO, José (1985), *Portugal Medieval. Novas interpretações*, Lisboa, Imprensa Nacional.

MEIRELES, Maria Adelaide d'Almeida Azevedo (1971), *A arquitectura gótica mendicante em Portugal*, Vol.I, Porto.

MOURÃO, Teresa (1998), *Sentimentos e atitudes patrimoniais na vida do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, trabalho de Mestrado em Museologia e Património Cultural, Faculdade de letras da Universidade de Coimbra.

PAIVA, Jorge (1992), *O Mondego e o Convento de Santa Clara*, Revista Munda, nº23, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra

PIMENTEL, António Filipe (1994), *Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Das Origens aos presentes trabalhos de recuperação*, Revista Munda, nº27, Coimbra.

QUINTELA, António de Carvalho (1986), *O Mondego na Hidráulica Fluvial Portuguesa até ao séc.XX*, Separata do II vol. História e Desenvolvimento de Portugal, Publicações do II Centenário da Academia de Ciências de Lisboa, Lisboa.

RUAS, Henrique Fernandes (1934), *O rio Mondego*, Anuário dos Serviços Hidráulicos, Lisboa.

SEABRA, Alvaro (1991), *Geofísica aplicada na pesquisa de objectivos arqueológicos: a área do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Coimbra)*, Memórias e Notícias, Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, nº11, Coimbra.

SILVA, Armando Carneiro da (1964), *Estampas Coimbrãs*, IX Centenário da Reconquista Cristã de Coimbra, vol.I, Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra.

SILVA, Henrique Gomes (1935), *Monumentos Nacionais, orientação técnica a seguir no restauro*, in Boletim da Direcção dos Monumentos nacionais, nº1, Setembro, Lisboa.

SILVA, Luisa Maria de Moura Rodrigues (2000), *A construção do novo mosteiro de Santa Clara de Coimbra: 1647 a 1769. Da decisão à conclusão: obras e arquitectos*. Dissertação de Mestrado Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

SILVA, Henrique Gomes (1945), *Edifícios e Monumentos Nacionais*, in 15 anos de Obras Públicas, 1932-1945, Lisboa.

SIMÕES, Augusto Filipe (1878), *Navegar em ruínas*, Escritos Diversos, Coimbra.

TABORDA, Rita (1995), *Santa Clara-a-Velha faz as pazes com o Basólias*, in Revista Volta ao Mundo, Lisboa.

TOIPA, Helena Costa (1988), *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, Mátthesis, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Letras, Viseu.

VASCONCELOS, António de (1933), *Inês de Castro*, 2ª edição revista, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Históricos, Coimbra.

VASCONCELOS, António de (1894), *Evolução do Culto de D.ª Isabel de Aragão*, Reprodução fac-similada da edição de 1891-1894, Arquivo da Universidade de Coimbra, vol. I e II, Arquivo da Universidade de Coimbra.

Foram feitas pesquisas de informação nos seguintes órgãos de comunicação social:

- Jornal "O Correio de Coimbra"
- Jornal "A Comarca"
- Jornal "O Público"
- Jornal "O Despertar"
- Jornal "Diário de Coimbra"
- "Jornal do Comércio"
- Jornal "O Comércio do Porto"
- Jornal "Flôr do Tamega"
- Jornal "O Diário Popular"
- "Jornal de Coimbra"



Foram feitas pesquisas nos processos relativos ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha existentes na Direcção regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais.